
 PORTE
PAGO

AVENÇA



O Gaiato

Quinzenário * 11 de Março de 1978 * Ano XXXV — N.º 887 — Preço 255

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Aniversário

FOI o d'O GAIATO no passado dia 5. Trinta e quatro anos cumpridos em rota que o Espírito abriu e vai abrindo sem pausa, quinzena após quinzena... «até ao fim do mundo», como escreveu Pai Américo na apresentação do n.º 1.

Não podemos negar que tem sido uma luz acesa sem falha. Nem temos nada de que nos admirar, sabendo (e até que ponto o sabemos!) Qual a Fonte da luz. Da nossa parte a responsabilidade das sombras: o não sermos nós mesmos tão verdade quanto poderíamos e devíamos ser: as nossas fraquezas, os nossos pecados, a inércia no caminhar para a meta apontada pelo Mestre: «sêde perfeitos, como o vosso Pai Celeste é perfeito». Ser para agir; ser para resplandecer, para reflectir na nossa face naturalmente enrugada, o rosto infinitamente belo e perenemente sedutor de Cristo Jesus. Porém, tão pequeninos somos, que os nossos males não chegam para impedir a Bondade de Deus e a realização dos Seus desígnios. E O GAIATO aí está: trinta e quatro anos sem envelhecer nem cansar. Os nossos Leitores o dirão, na ampla autoria deste número que, desde há muitos anos, lhes atribuímos; e com uma autoridade insuspeita.



No derradeiro 2.º Domingo da Quaresma descobri um fundamento desta persistente juventude, deste inesgotado encanto.

No Evangelho revimos a Transfiguração de Jesus. As leituras primeiras abriam com dois verbos poderosos: **Deixa... Sofre...**

«Deixa a tua terra, os teus parentes e a tua casa paterna e parte para o país que Eu te indicar» — disse o Senhor a Abraão. E S. Paulo recomendava a Timóteo: «Sofre comigo pelo Evangelho, apoiado na força de Deus».

— Que fez Pai Américo quando Deus o chamou?, quando percutiu com aquela «martelada» indelével que só a morte desfaz ao introduzir o justo na prometida terra da transfiguração?

— **Deixou...**, exactamente como Abraão; e partiu para o desconhecido aonde o Senhor o queria conduzir. **Sofreu** o golpe e o mistério da «martelada» e dispôs-se a sofrer até ao fim pelo Evangelho, apoiado, somente, na força de Deus.

Que espanto, pois, se o resto se cumpriu?!: «Farei de ti uma grande família. Hei-de abençoar-te e dar-te um grande nome e tu serás uma bênção. Abençoarei a quem te abençoar, amaldiçoarei a quem te amaldiçoar».

Que espanto — repito — se «a fragilidade das nossas misérias» não estorva «o dom da escolha», pois foi Deus Quem «nos salvou e nos chamou para sermos santos, não em virtude das nossas obras, mas do Seu próprio desígnio e da Sua graça?! «Graça esta que nos foi dada em Cristo Jesus, nosso Salvador, O qual destruiu a morte e fez brilhar a vida e a imortalidade, por meio do Evangelho.»

Como S. Paulo, ainda, Pai Américo «soube em Quem confiava». Para alicerce da Obra que era chamado a erguer, escolheu «a pedra angular» que os construtores segundo o mundo rejeitam: Jesus. Não quis outra insígnia senão o Seu Santíssimo Nome. E aí está a Obra, firme, atraente como no primeiro dia — como «Christus heri e hódie», sempre.

O GAIATO é rosto da Obra e lugar de encontro da grande Família: os de fora e os de dentro. Felizes os que nos abençoam, porque serão abençoados. Nós acreditamos nesta bênção. Ela é a força com que afrontamos a vida; a causa do destemor com que a suportamos, no tremor incessante que é viver.

Dê-nos Deus, por Pai Américo, a sabedoria que nele brilhou: **Deixa, sofre...** e serás transfigurado.

Padre Carlos

FESTAS

Festas em duas caminhadas. O aniversário de O GAIATO é motivo de muita festa. O anúncio das nossas Festas para este ano também é motivo de festa e de grande festa para muitos.

O primeiro motivo de festa é a vivência e a ânsia de cada leitor. A começar por mim que desde o primeiro número até agora nunca deixei O GAIATO em repouso, todos sentindo a mensagem de inquietação, de amor que ele nos traz e nos deixa. Que seja mensageiro, cada vez mais, do amor autêntico.

O segundo motivo de festa é a notícia de que o grupo de festeiros do Centro está a preparar o programa para que a romaria comece a seguir à Páscoa. Como O GAIATO, também o grande motivo das nossas Festas é a mensagem de amor, alegria, paz, felicidade.

Que sejam tudo isto é o que todos nós desejamos.

Padre Horácio



Aqui, nesta imponente varanda de granito, Pai Américo esboçou muitas páginas de O GAIATO.

COLABORAÇÃO DOS LEITORES

Legendas

«O nosso famoso O GAIATO é a leitura mais sã e mais proveitosa no nosso tão doente Portugal.»



«Em vésperas de férias, venho cumprir o grato dever de pagar a minha assinatura do «Famoso», o mais simpático de quantos jornais (e são tantos agora...) me é dado ler.»



«Calculo quanto deve ter diminuído a vossa receita com a vinda de tanta gente de Angola e Moçambique, onde tínheis tantos amigos. Para compensar um pouco essa falta resolvi aumentar o valor da minha assinatura.

Os vossos problemas são também nossos e, portanto, devemos ajudar a resolvê-los.»



«Acabo de ler O GAIATO. Sabe bem ver um jornal humano, honesto, sério.

O meu nome não conta. Só conta que o vosso jornal, a vossa Obra, as vossas palavras são conforto.»



«No mundo desconexo em que vivemos, em especial no que nos diz respeito, a vossa Obra mostra-nos que ainda não está perdido de todo, neste pobre País, o sentido do Amor de Deus.

Deus nos alivie da angústia em que vivemos.»



«Ciente de que agora, mais do que até aqui, a vossa sã doutrina entre no coração de todos os portugueses e os traga à conciliação, pelo amor de Cristo.»



«Os meus agradecimentos por todas as alegrias que o vosso jornal me traz. Mesmo ao referir a miséria transmite virilidade, optimismo, amor, alegria — ajuda a abrir os caminhos do Senhor.»

O «FAMOSO»

«Atravessamos uma época de grave crise moral, em que imperam as violências, a ambição desmedida e a devassidão que a Imprensa, a Rádio e a Televisão se encarregam de divulgar e até de incentivar.

Nas páginas do vosso jornal há apenas amor, dignidade, compreensão e uma preocupação constante de valorização do Homem. Como seria bom que os «progressistas» deste desvairado País seguissem o vosso exemplo, em vez de perderem o tempo com frases balofas e canções eivadas de ódio, e fizessem realmente aquilo de que nunca foram capazes — trabalhar...»



«Sou a pensionista do Estado que vós, por muita bondade, nunca deixastes de lhe enviar O GAIATO. Quando vos escrevi a expor o meu caso por não poder continuar com a assinatura, as lágrimas corriam ao ler a resposta tão cheia de carinho e compreensão!

Linda leitura, cheia de amor e de Deus, porque Deus é Amor. E eu com 80 anos e quase quatro meses e doente, absorvo a sua leitura tão preciosa. Que Deus lhes pague gesto tão sublime!

Tive, ultimamente, um aumento na minha pensão e por isso aqui vos envio 100\$00 para o que achardes melhor e com grande pena de, por enquanto, não poder enviar o que seria meu desejo.

Foi o meu primeiro pensamento e quando leio tão querido jornal, tenho a impressão que a minha saúde melhora um pouco.»



«Sou vossa assinante apenas há um ano. E, ao fim deste tempo, posso dizer-vos que não gosto de ler jornais nem sequer lhes pego, mas na verdade o vosso é lido na íntegra no próprio dia que o recebo. Leio de ponta a ponta e quando chego ao fim fico triste por saber que só poderei fazer o mesmo daí a quinze dias, quando for enviado outro. Agradeço, pois ele transmite-me sempre qualquer coisa que me dá alegria, mas que não sei dizer o que é.»



«Peço desculpa do tempo de silêncio que ficou para trás. Silêncio involuntário, gerado por uma cadeia de revezes e dificuldades sem conta, que seria supérfluo estar a enumerar.

Agradeço de todo o coração a confiança que vos mereci.

Se as vossas contas fossem como as do mundo, há muito teríeis riscado o meu nome dos vossos ficheiros. Mas as vossas contas regem-se por algo mais transcendente que a frieza dos números e a materialidade dos valores. Por isso, eu continuarei a receber não apenas o vosso inconfundível «Famoso» mas ainda todos os livros de Pai Américo, editados nos últimos tempos. Por tudo, que Deus vos pague. Pena é que sejais tão discretos no difundir da Luz que reflectis. Porque não encher as livrarias com as obras da vossa Editorial? Elas deviam ser lidas por todos os homens e mulheres deste País! Talvez que na doutrina de Pai Américo — hoje mais actualizada que nunca — encontrassem os políticos «a receita» para salvar a Pátria...

Termino, enviando-vos a certeza de que a vossa Obra ocupa no meu coração o mesmo lugar que os meus filhos. Que — não obstante o aparente esquecimento — vivo os vossos problemas e alegrias, como se fossem meus.»



«Tenho sido tão descuidada em vos dizer o bem que O GAIATO me tem feito, ao longo de todos estes anos!... E vós precisais de o saber para vos sentirdes recompensados e incentivados para novos sacrifícios.

Aqui estou agora a desobrigar-me perante mim, desta grata incumbência que devia ter sido feita há muito já.»



«Cá estou uma vez mais a enviar a importância das assinaturas de um grupo de amigos dos CTT de Lisboa — Telecomunicações.

Continuamos firmes na nossa amizade e princípios, respeitando a vossa Obra e só lamentando não lhe poder dar ajuda mais efectiva.

Li algures que «a vida cristã é uma luta». Lutemos, pois!»



«Com as minhas afectuosas saudações, envio 100\$00 para uma assinatura em nome de...

É grande favor enviar-lhe o jornal com urgência e também o de Janeiro, se for possível, pois trata-se de pessoa idosa e inválida que vive num Lar para Velhos, onde se sente muito infeliz! Talvez o vosso jornal, o «nosso» querido O GAIATO possa ajudá-lo... Tenho grandes esperanças nele e, sobretudo, no Senhor que tudo pode.»

As nossas Edições

«Obrigadíssima pelo «Doutrina» que me enviaram. Já comecei a lê-lo, mas vou levar muito tempo porque esta leitura não é para despachar, nem para distrair, mas sim para meditar e tentar imitar...»

Como ainda não paguei a minha assinatura, aproveito para mandar 100\$ para ela e outro tanto para ajuda do papel do «Doutrina», pois o livro, assim como todos os de Pai Américo, não se pagam com dinheiro...

Querido Pai Américo, que só conheço através dos livros e do jornal! Que bem me têm feito as suas leituras! Como era bom que todos dedicassem um pouco de tempo a estas leituras, tão construtivas! E das quais se tira tanto proveito...

Como corre a vossa vida? Continuam contentes com a nova máquina offset? Muito que fazer? Deus vos ajude.»

«Agradeço muito me terem remetido o segundo volume «Doutrina» que é realmente uma verdadeira doutrina e que foi o meu melhor presente de Natal. Foi com alegria que o recebi pois quero possuir todos os livros que a Casa do Gaiato editar.

Tenho na minha estante uma prateleira que está reservada só para os vossos livros e, como não é muito grande, e já está cheia, este último livro teve que ir para outra prateleira que, creio, ainda a vou encher.

Estes livros é que se deviam ler nas escolas...»

«Que a graça e paz do Senhor sejam convosco.

Gostaria que as palavras fossem polivalentes pois só assim

poderia expressar quanto senti com a leitura do maravilhoso segundo volume do «Doutrina».

Que outro título se lhe ajustaria melhor?

Doutrina da mais pura, da mais viva, mais humana e mais bela!

Quando for possível, enviem mais dois volumes para oferecer, pois acho que não encontro melhor presente para amigos.

Junto envio um vale de dois mil escudos. Quem me dera poder enviar cem vezes mais! Porque será que Deus dá a uns a vontade e a outros a possibilidade?

Que Ele seja presente sempre na vossa Obra que na realidade transpira a Sua presença, de tal modo conseguis ser: sal, luz e fermento neste mundo conturbado em que vivemos. É quanto vos desejo de todo o coração.»

Emigrantes

«Recebi aqui, na África do Sul, os livros encomendados e continuo a receber O GAIATO regularmente! Leio atentamente este jornal há muitos anos e consigo a 12.000 quilómetros de distância analisar as dificuldades de vida na minha pobre Pátria! É evidente que enquanto nós, portugueses, não procurarmos no trabalho duro o bálsamo dos problemas diários, nunca poderá haver reformas sociais.

O trabalho é a coisa mais bela da vida, trazendo consigo criatividade, civilização, arte e ciência. Sem estas bases, podem os portugueses estar absolutamente certos que não irão para lado algum.

Sou emigrante. Conheço toda a África e uma boa parte do mundo. O contacto com todas as raças colocaram-me numa posição de independente, e deram-me a certeza de não estar errado.

Como português que sou, apelo para O GAIATO, para que faça uma campanha humana no sentido de desenvolver o espaço em que vivemos, deixando aos nossos filhos e netos um campo mais aberto de trabalho, onde possamos viver sem esmolas de outros países, com menos possibilidades que as nossas!

Partindo deste princípio de ordem natural podemos encontrar fraternidade, igualdade de direitos para todos, sem atropelos às leis cristianizadas, que têm como objectivo a Cruz, o Caminho da Vida nas quatro direcções.

Espero não ferir a susceptibilidade dos Leitores de O GAIATO ou outras Instituições por-

tuguesas de ordem construtiva.»

III

«O Evangelho é o mesmo em todas as latitudes, e nem a distância a que me encontro dos problemas portugueses diminui o meu interesse por eles. Sempre em frente e com os olhos no Alto, que o Padre Américo vos está abençoando em cada dia.»

III

«É apenas uma ajuda simbólica para a edição do jornal e um sinal de gratidão por mo terem enviado sempre desde há anos.

«Recebi aqui, na África do Sul, os livros encomendados e continuo a receber O GAIATO regularmente! Leio atentamente este jornal há muitos anos e consigo a 12.000 quilómetros de distância analisar as dificuldades de vida na minha pobre Pátria! É evidente que enquanto nós, portugueses, não procurarmos no trabalho duro o bálsamo dos problemas diários, nunca poderá haver reformas sociais.

Agora queria sugerir-vos que não mo mandassem directamente, dado as despesas do correio serem tão grandes. Como nós frequentamos assiduamente o Centro Católico Português de Londres e O GAIATO é lá recebido e distribuído (não havendo ainda leitores suficientes para os jornais que vêm), achámos melhor começar a comprá-lo lá, pois imagino que, enviando em grupos, sempre o porte sai mais económico.»

«Cada Família sua casa»

«Segue um cheque de dois mil escudos. Eu verifiquei que me sobejaram mil que poderia ter adicionado aos quatro mil que enviei no mês passado. Guardei-os para este mês. E, em vez de mil, vão dois mil. Serão para ajudar o Calvário e para ajudar alguém a quem falte o telhado ou as janelas da casa que com sacrifício queira construir. Tive casa própria aos 52 anos, mesmo já na despedida da vida. Mas o meu grande desejo é: cada família sua casa. Eu pagava renda, mas podia pagá-la, graças a Deus. E quantos não podem? Eu sei, porque observo que muitos, mesmo muitos, nunca a têm porque não têm cabeça para governar o que Deus lhes dá. Nem são para eles nem para o Próximo. Esperam sempre do que os outros venham a fazer, estragando o seu para que nada tenham e possam fazer e dizer o que lhes apetece dos que, com o seu trabalho, conseguiram alguma coisa. Mas,

não é destes que tenho. Tenho pena daqueles que mercê de doenças e abandono pela sociedade podem ter nada. E a vida é de todos a começar. Governos que conseguem que alguns tenham a vida e daí faltar para os outros de tudo necessitam. Por não há nada ou quase nada para a Terceira Idade. Porque os Governos têm de dar prioridade aos que estão no vigor da vida e não dem fazer greves. Os Governos da Terceira Idade só podem fazer uma greve: «a da fome». Vivo infeliz por ver a Justiça, a única que poderia trazer a Paz, está da vez mais longe por os homens estão cada vez mais afastados de Deus. Têm medo de Ele. Atormos e eles não querem ocupar-se, não querem mar-se, nem inquietar-se. «Bem lhes basta a sua vida — tantas vezes dissimulada em vício e corrupção. Têm pena da Humanidade!»

INFÂNCIA E JUVENTUDE

«Há muito que penso crescer-vos, mas só hoje me dispus. Sou jovem, mas quero felicitar-vos pelo vosso trabalho. Ler O GAIATO, para mim é um prazer e ao mesmo tempo um bem para

o meu espírito. Hoje em dia no meio de tanta corrupção e ódio, é uma graça encontrar no vosso jornal tantos factos concretos de amor. Próximo. Continuem!»

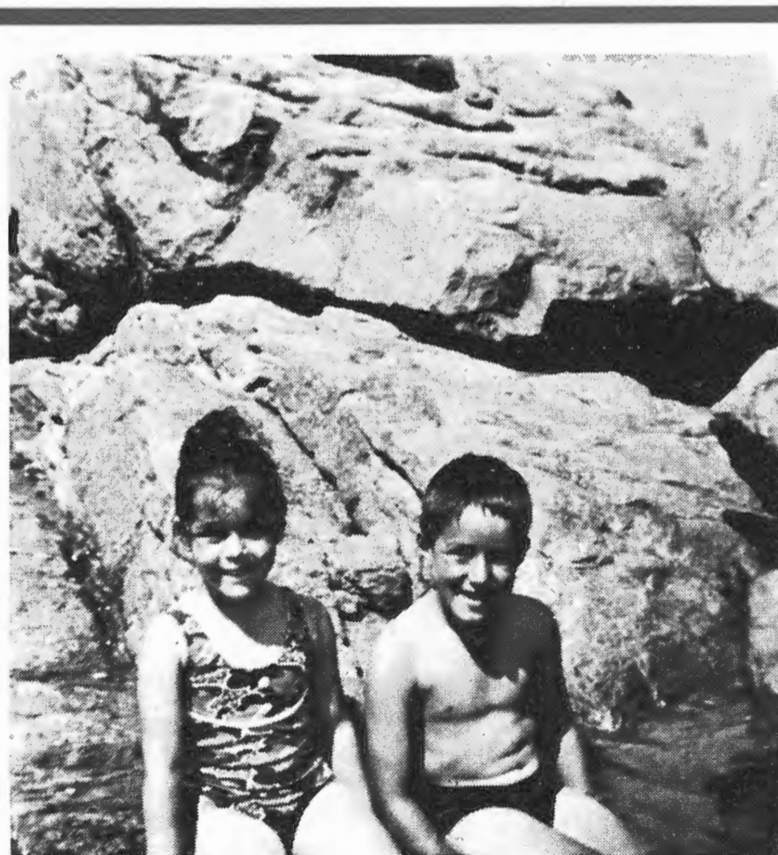
Correspondência de Família

«Cá estou a dar notícias nossas, nesta linda quadra do Natal.

Para vós é um presente especial saberem que este gaiato ainda cá anda graças a Deus. A Cecília, eu e os pequenos estamos bem. O José já fez a 1.ª Comunhão e a Lena começa no próximo ano. Neste Natal que se aproxima e nos traz Jesus uma vez mais junto a nós, junto a Ele nós Lhe pediremos que leve até vós um Natal Feliz e um Ano Novo cheio de alegrias.

Por aqui as Leis estão a mudar e pouco a pouco estamos a ficar mais irmãos.

Muitos beijinhos para todos, da Cecília, José, Lena e Edgar.» (Da África do Sul)



«José (8 anos) e Madalena (5 anos). Dois sorrisos, dois corações — produto dos Gaiatos.»

«Vou escrever para perguntar se estão bons de saúde, pois estou bem.

Eu gosto muito dos vossos jornais, são como flores na Primavera.

Mando este dinheiro para pagar os jornais que me chegaram e recebam uma andorinha voar.

Pois estamos na Páscoa da Ressurreição de Jesus Cristo.

Passem uma Páscoa cheia de felicidades.»



impresso em OFFS



Antes da Páscoa devem estar ao serviço dos Rapazes as novas moradias da Casa do Gaiato de Lisboa

Horas que não esquecem

Já lá vão trinta e quatro anos que saímos para a rua, quais andorinhas na Primavera, com o primeiro jornal na mão, na boca, no coração.

Éramos um pequenino grupo mentalizado para espalhar O GAIATO nos cafés, nas igrejas, nas ruas, em cidades, vilas, praias e termas de Portugal. O Lixo das ruas virá, pacificamente, pregoeiro dos Direitos da Criança — dos Pobres!

O lançamento de O GAIATO galvanizou-nos! Que o digam quantos levaram o primeiro facho, alguns já avós; e não fosse a Obra da Rua seríamos

hoje sabe Deus o quê...! Em nossas mãos de criança O GAIATO era como o primeiro bebé ao colo de um pai radiante! Todos, mas todos, imbuídos do desejo de conquistar o mundo, cativar o maior número possível de leitores.

Com esta mística, fora do Porto, alguns até esqueciam as horas da refeição! Mas regressávamos contentes pelo dever cumprido. E, já em Casa, descrevíamos as nossas andanças d'alma cheia pela amizade do povo (as excepções só confirmam a regra). São horas que não esquecem! E que Pai Amé-

rico saboreava à sua maneira. E de que forma! Ora ouçam:

«O jornal saiu nas horas de estalar. Vem quando a Humanidade chora com fome de justiça; quando o mundo está em sangue, que não é o sangue da Cruz de Cristo. Aparece ao lado dos grandes diários, com horrores tantos e tais que, se a simples leitura nos dói, que dizer de quem os sofre!

O GAIATO não. É um jornal pacífico. Ocupado, como anda, com os trabalhos da Paz, nem sequer dá fé da guerra; e nunca fala de guerras.

Nós queremos a Paz.

O GAIATO revoluciona as almas. Prega o amor... amando. Converte. Seduz. É um programa do Evangelho.

Num destes domingos, vendeu-se furiosamente à porta da igreja de N. S. da Conceição; os nossos gaiatos eram os vendedores. Ele era tanta gente a pedir o jornal, que o Manuel Durães, atormentado, imperou: — Metam-se na bicha! E meteram!

A noite, em nossa Casa, os quatro vendedores do jornal contavam aos que não foram: — A gente mandava pôr os cartolas na bicha e eles puxavam pelas carteiras e davam dinheiro!

Houve gente que deu na igreja tudo quanto tinha e pediu cá fora dez tostões para o jornal.

Houve Mães pobres que vieram das ilhas até ao Largo do Marquês, verificar se o filhinho tinha vindo vender o jornal, e exclamavam, ao ver que não:

— Ai! quem me dera que o meu menino esteja tão lindo como tu!

Sim; revolução pacífica. É o Evangelho em marcha.

«Não vês a multidão que nos cerca, a perguntar «quem Te tocou?»!

Jesus de Nazaré é sempre o Homem das multidões, por ser o Deus do Amor, «Mete a espada na bainha!»

Tempo favorável Dias de Salvação

Na peugada do Santo Padre, da sua mensagem para esta Quaresma, ocorre-me o outro modo de realizar a penitência da Caridade, que não apenas a partilha fraterna dos bens, conforme nos lembra Santo Agostinho: o perdão das ofensas.

Tão essencial esta dimensão da Caridade que, na oração que o Senhor nos ensinou, quotidianamente repetimos a prece e reafirmamos a condição da sua audiência: «perdoai-nos...», assim como nós temos perdoado». O investimento no perdão para lucrar perdão!

E hoje, aquele trecho do capítulo XVIII de S. Mateus que lemos no Evangelho, actualizava a pergunta de Pedro e a resposta universalizante do Senhor:

— «Se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar? Até sete vezes? — Não te digo sete vezes, mas setenta vezes sete.»

Sempre. Até onde, até quando o homem for capaz de ofender, de pecar — aí tem a medida do perdão que deve.

Tão oportuna quão urgente esta consideração no mundo de ódios, de ressentimentos, de frieza, de indiferença que empesta as relações entre os homens!

Só a esta luz iremos aprofundando o conceito autêntico da Caridade, à qual somos constantemente chamados a converter-nos. E nos será possível entender, sem surpresa nem escândalo, a palavra difícil de S. Paulo aos Coríntios: «Se eu falar as línguas dos homens e dos anjos; se tiver o dom da profecia e toda a fé; se distribuir todos os meus bens pelos Pobres e entregar meu corpo para ser queimado, mas não tiver a Caridade — sou como o metal que soa ou o sino que tine, nada sou, nada me aproveita».

«Neste tempo favorável, neste dia de salvação», libertai-nos Senhor de piedosas ilusões. Dá-nos que «trabalhemos como Teus servos, com muita paciência nos jejuns, nas vigílias e em Caridade sincera».

Padre Carlos

COLABORAÇÃO dos LEITORES Obra da Rua

«O cheque destina-se em primeiro lugar a fazer face à minha assinatura de «o melhor do mundo» como tanto gostava de lhe chamar o vosso fundador e meu antigo e dedicado amigo. Não tenho a certeza se o ano passado cumpri este dever, mas V. mandará ver e liquidará em consequência. O nosso Padre Américo pode-se dizer que deixou uma vasta Obra ou deixou várias Obras. De qualquer modo, esta do jornal não é das menores, não apenas pelos proventos que lhe pode encaminhar, mas sobretudo pelo veículo que é de difundir a Boa Nova e não sei se algumas vezes, num passado de que já tantos se recordam com saudades, ele não terá abordado certos problemas com uma candura que não seria de esperar. Os «grandes» da terra podem fazer «algumas coisas boas», mas não podem fazer «todas as coisas boas» que há para fazer. E é isto que os nossos «intelectuais progressistas-ingénuos» não eram capazes de compreender. Mas, adiante.

Gostaria que V. mandasse entregar ainda alguma coisa à Conferência Vicentina. Aprecio imenso o trabalho dessa Conferência! Não são senhores respeitáveis a fazer uma caridade de miséria, que nada resolve. São os «filhos da miséria» a levar uma modesta mas digna ajuda aos seus pares. «Pobres teréis sempre...» — disse o Mestre; mas isso não implica que cruzemos os braços desanimados ou egoisticamente perante a miséria. Algures vi ou me foi sugerido que o melhor modo de combater a miséria é procurar estancar as suas «fontes».

Como está nessa linha tudo quanto nos deixou a saudável personalidade do vosso fundador: Casas do Gaiato, o Património dos Pobres, principalmente! Mas o seu coração sensível e terno não podia ficar indiferente perante a miséria irreversível — e lançou o Calvário que é a mais afrontosa resposta aos corações empedernidos.

E termino pedindo desculpa de, para enviar tão pouco, lhe ter escrito tanto.

Estou contentíssimo por uma graça recebida na pessoa de um filho extraviado que regressou à casa paterna e a quem, bem quero crer, não são indiferentes os rogos do «Pai dos Pobres».

SOMOS UMA COMUNIDADE

«Há muito tempo já que não escrevo uma palavrinha para o «Famoso».

Resolvi dar o meu contributo, devido ao aniversário do jornal: 34 anos de existência.

Somos uma comunidade!

Pelos anos fora nossa vida é levada como um acto de fé e fraternidade.

Somos um pequeno povo que à custa do «suor do nosso rosto», conseguimos levar com sacrifício «a cruz ao calvário».

Nascemos de nada! Desse nada construímos aquilo que necessitamos para a nossa subsistência. Geração após geração, construímos mais e melhor. É a evolução do tempo que nos gera para uma maior colectividade social e espiritual.

Somos uma comunidade!

O nosso espírito de sacrifício é a nossa primeira grande sabedoria.

Hoje somos a mesma família. Talvez mais evoluída? Talvez mais unida? Não importa! Hoje somos seus Apóstolos, que continuamos a sua Doutrina pela luta da colectividade, de um povo contra a miséria, guerra, desigualdade. A vida quotidiana em nossa Casa é como uma fonte de energia. Nós plantamos!, nós colhemos!, nós somos a vida!

Quem por esse mundo fora não tem dificuldades? Quem não precisa do seu Próximo?

Nós precisamos da ajuda de todos. E ajudamos todos. Somos como um «vai-vem» com coração, pensamento, espírito.

Somos uma comunidade!

Jorge Alvor («Eusébio»)



Gaiato

Director: Padre Carlos

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Júlio Mendes